

**VII Encontro Nacional de Estudos do Consumo**  
**III Encontro Luso-Brasileiro de Estudos do Consumo**  
**I Encontro Latino-Americano de Estudos do Consumo**

**Mercados Contestados – As novas fronteiras da moral, da ética, da religião e da lei**

24, 25 e 26 de setembro de 2014

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (Puc-Rio)

**O Consumo como Mediador entre a Realidade e a Ficção**

Kelly Pellizari<sup>1</sup>

Janáfina Carla Borsagli<sup>2</sup>

Marcelo Rezende Pinto<sup>3</sup>

**Resumo**

É lugar comum nos trabalhos envolvendo os estudos de consumo a noção de que consumir pode ser considerado um dos fenômenos mais importantes das sociedades modernas (McCRACKEN, 2003; BARBOSA, 2006; DESJEUX, 2011). Contudo, como o consumo é fenômeno amplo que perpassa vários níveis da vida social, uma temática que ainda parece ser interessante para investigação tem a ver com o consumo entendido como mediador entre a realidade e a ficção. É justamente nessa perspectiva que se insere a proposta desse trabalho que busca estabelecer uma relação entre um texto ficcional e a realidade, articulados sob a ótica do consumo. Para tal, selecionou como *corpus* o conto “Segurança”, de Teolinda Gersão. Em sua narrativa, observa-se um personagem inserido em um contexto de sociedade pós-moderna na qual as relações de consumo veiculam valores essencialmente capitalistas delimitando a sua forma de enxergar o mundo. Neste sentido, o contexto do conto escolhido mostra-se bem próximo do contexto das sociedades capitalistas contemporâneas, em que os valores e as normas sociais mostram-se utilitários e determinados pela lógica do capital. Além disso, esse contexto é marcado pela busca pela satisfação constante e fomentada pelo próprio sistema, que promete o seu encontro via consumo, o que não se concretiza, fazendo o personagem se mostrar permanentemente entediado e inseguro. Desta maneira, este artigo situado dentro dos estudos sobre o consumo, que também perpassa a ficção, visa contribuir não só para um modesto entendimento da narrativa de “Segurança”, da autora portuguesa Teolinda Gersão, mas também para uma reflexão a respeito da realidade que cerca e condiciona, até certo ponto, a forma de ver o mundo do sujeito contemporâneo, seja ele “real” ou ficcional.

**Palavras-chave:** Consumo, Literatura, Ficção.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PPGA PUC Minas – E-mail: [kypl\\_pl@hotmail.com](mailto:kypl_pl@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutoranda em Administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PPGA PUC Minas – E-mail: [jborsagli@hotmail.com](mailto:jborsagli@hotmail.com)

<sup>3</sup> Doutor em Administração pela UFMG. Professor do Programa de Pós-graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PPGA PUC Minas – E-mail: [marcrez@hotmail.com](mailto:marcrez@hotmail.com)

## **1 - Introdução**

Este artigo tem como proposta estabelecer uma relação entre um texto ficcional e a realidade, sob a ótica do consumo. Para tal, selecionou como *corpus* o conto “Segurança”, de Teolinda Gersão. Em sua narrativa, observa-se um personagem inserido em um contexto de sociedade “pós-moderna” em que as relações de consumo veiculam valores apenas, capitalistas delimitando, assim, a sua forma de enxergar o mundo.

A concepção de consumo que a narrativa literária remete é aquela em que o sujeito é visto como um “fantoche” e que consome unicamente para legitimar o capital. Essa abordagem sobre o consumo é apresentada por muitos autores, entre os críticos sociais e estudiosos da pós-modernidade, como Zygmunt Bauman e Gilles Lipovetsky, os quais figurarão como norteadores do construto teórico que se presente apresentar.

Neste sentido, o contexto do conto escolhido mostra-se bem próximo do contexto das sociedades capitalistas contemporâneas, em que os valores e as normas sociais mostram-se utilitários e determinados pela lógica do capital. Onde a busca pela satisfação é constante e fomentada pelo próprio sistema, que promete o seu encontro via consumo, o que não se concretiza, fazendo o personagem se mostrar permanentemente entediado e inseguro.

Este trabalho julga-se pertinente no sentido contribuir na aproximação de duas áreas que pouco dialogam a não ser, pela proximidade com que ambas estabelecem com a antropologia. No entanto, com visões muito, dispare. Porém, ao se conceber a literatura como uma forma de representação da realidade, o entendimento de um contexto literário que se aproxime ao real, poderia contribuir para o entendimento ou uma reflexão sobre esta.

Desta maneira, este artigo situado dentro dos estudos sobre o consumo, que também perpassa a ficção, visa contribuir não só para um modesto entendimento da narrativa de “Segurança”, da autora portuguesa Teolinda Gersão, mas também para uma reflexão a respeito da realidade que cerca e condiciona, até certo ponto, a forma de ver o mundo do sujeito contemporâneo, seja ele “real” ou ficcional.

## **2 - Breve revisão da literatura**

### **2.1 – Algumas considerações acerca do consumo**

Não há como pensar o consumo de maneira isolada. O consumo perpassa toda a vida do sujeito, por mais ou menos isolado que este se apresente. Assim como a cultura, as formas de se consumir são também culturalmente construídas (LARAIA, 2001). Por esta razão e outras, dadas as proporções que o consumo tomou na sociedade, o termo sociedade de consumo muitas vezes é utilizado para referir-se a sociedade

contemporânea, em que o consumo é visto como um meio pelo qual o indivíduo consegue satisfazer suas necessidades básicas, e que com o passar dos tempos, as “supérfluas” também (BARBOSA, 2004).

Com o passar do tempo, em meio ao contexto moderno e pós-moderno o consumo ultrapassou os limites da ação unicamente racional e passou a representar algo mais significativo diante das relações que estabelecem. O consumo no contexto da atualidade assume posição de destaque, já não se associa unicamente aos processos de massificação, mas principalmente pela possibilidade de construção de singularidades que perpassam a transversalidade do consumo.

Abordar-se-á, então, neste momento, questões a respeito da própria modernidade e pós-modernidade por entender que não há como mencionar o consumo, sem antes discutir, mesmo que minimamente, o contexto no qual ele se insere. De acordo com a visão de Bauman, (1999) a “modernidade” tem por objetivo tudo ordenar para melhor controlar; entretanto, ao tentar realizar essa tarefa, a modernidade mostra-se ambivalente pelo fato de criar novos problemas durante o próprio ato de tentar resolvê-los.

Este tipo de ambiguidade apresenta-se intimamente relacionada às questões enfrentadas pelas sociedades contemporâneas, como a degradação ambiental, a violência urbana, o crescimento desordenado das cidades, a exclusão social, a criminalidade e os fenômenos do consumo e do consumismo, etc. Todos esses problemas sociais mostram-se, paradoxalmente, fomentados pela própria modernidade e sua obsessão por controle e ordenação. Nesse contexto, o acesso ao consumo, com sua promessa de satisfação e “felicidade” plenas, poderia ser considerado como uma contradição moderna, na medida em que se alimenta muito mais da manutenção da insatisfação dos consumidores do que da promessa de contentamento.

Tendo em vista os processos de modernização das sociedades ocidentais, Holgónsi Siqueira questiona, em sua tese, até que ponto a valorização do capital e do consumo desmedido afeta as relações humanas, dentro do contexto moderno e/ou pós-moderno.

Tudo está relacionado ao consumo como, por exemplo, o modo de produção e de circulação dos bens, os padrões de desigualdade no acesso aos bens materiais e simbólicos, a maneira como se estruturaram as instituições da vida cotidiana (como a família, o lazer, os ambientes urbanos, etc.). Nossa sociedade-cultura de consumo constantemente cria novos espaços para os consumidores, tornando o consumo um sistema global que molda as relações dos indivíduos na pós-modernidade e é reconfigurada por tecnologias variáveis que determinam os padrões de consumo. (SIQUEIRA, 2011).<sup>4</sup>

Percebe-se que, neste contexto, as relações sociais mais humanizadas, em que o “outro” é levado em consideração, foram perdendo terreno para um comportamento individualista e consumista. Esta característica dos sujeitos “(pós)-modernos” estaria diretamente relacionada com os objetivos alienantes do próprio capitalismo, que incentiva muito mais a formação de consumidores acríticos e passivos. Um dos

---

<sup>4</sup> Fragmento retirado do 3º Capítulo (“Sociedade-cultura pós-moderna – “shopping spree” – satisfação na permanente insatisfação”) da Tese de Doutorado “Pós-modernidade, Política e Educação”, publicado parcialmente no Jornal “A Razão” em 27.10.2005. Disponível em: <http://www.angelfire.com/sk/holgonsi/consumismo2.html>. Consultado em 30/08/2013.

sintomas desse processo imposto pelo capital aparece no comportamento dos indivíduos que buscam sentido para a própria vida nos produtos ditados pela mídia. A respeito disso, Siqueira afirma que:

Ao forçar as pessoas a lidarem com a descartabilidade, com a novidade e as perspectivas de obsolescência instantânea, a cultura de consumo pós-moderna faz com que o indivíduo perca sua capacidade de organizar coerentemente seu passado e seu futuro, a vida deixa de ser um projeto com um significado, e suas práticas resultam numa heterogeneidade que se desenrola numa série de fragmentações do tempo vivido como presente perpétuo. (SIQUEIRA, 2011).

Sendo assim, é possível falar de uma falta de significado, de um sentido existencial que ultrapasse as fronteiras do próprio capital, fazendo com que os sujeitos tenham seu “desejo” formatado pelas necessidades de consumo artificialmente criadas por determinados grupos sócio-econômicos para a manutenção do funcionamento do próprio sistema.

Para Adorno (1990), ao se criar um sistema massificado da cultura pela mercadificação dos bens culturais, a indústria cultural produziria, simultaneamente, a padronização e homogeneização do gosto e das escolhas, retirando desse processo qualquer forma de expressão subjetiva do indivíduo.

De acordo com Bauman (2001), em *Modernidade líquida*, o que o sistema capitalista oferece aos membros da sociedade estaria no nível superficial do “querer”, ou seja, o consumo não atingiria os sujeitos em um nível mais profundo de satisfação justamente porque aquilo que é oferecido mostra-se como uma necessidade artificial:

O consumismo de hoje, porém, não diz mais respeito à satisfação das necessidades – nem mesmo as mais sublimes, distantes (algumas diriam, não muito corretamente, “artificiais”. “inventadas”, “derivativas”) necessidades de identificação ou a auto-segurança quanto à “adequação”. Já foi dito que o *spiritus movens* da atividade consumista não é mais o conjunto mensurável de necessidades articuladas, mas o desejo – entidade muito mais volátil e efêmera, evasiva e caprichosa, e essencialmente não-referencial que as “necessidades”, um motivo autogerado e autopropelido que não precisa de outra justificação ou “causa”. Apesar de suas sucessivas e sempre duráveis reificações, o desejo tem em si mesmo como objeto constante, e por essa razão está fadado a permanecer insaciável qualquer que seja a altura atingida pela pinha dos outros objetos (físicos ou psíquicos) que marcam seu passado. (BAUMAN, 2001, p. 88).

Na “(pós-)modernidade”, o sujeito mostra-se fragmentado, o que poderia estar relacionado com a superficialidade e efemeridade das relações sociais; com isso, poderia ocorrer maior grau de insatisfação, visto que o sujeito seria contemplado apenas parcial e individualmente, e não na sua integralidade de modo a identificar-se, intima e coletivamente, com um grupo social. Nesse sentido, a modernidade teria falhado em suas pretensões de ordenar e controlar a civilização, apresentando contradições expressas e impressas na identidade do sujeito “(pós-)moderno”, uma vez que se encontra fragmentado (HALL, 2001).

Dessa forma, o próprio sujeito seria fracionado em suas muitas identidades: ao mesmo tempo em que modifica e constitui o mundo em suas relações é, permanentemente, alterado por ele. Estas questões, que vem fazendo com que o sujeito moderno viva em constantes mudanças, promovem instabilidade identitária, tornando superficiais as relações sociais, dentre elas as relações de consumo. Esses processos estão

intimamente relacionados com as contradições da “(pós-)modernidade” e suas pretensões de controle e ordenação.

Em uma entrevista à revista Cult, feita pelo jornalista Juvenal Savian Filho, em Dezembro de 2007, o filósofo Francês Gilles Lipovetsky atenta para a pragmática de uma sociedade dominada pelo consumo, denominando-a “hipermodernidade”<sup>5</sup>. Para o pensador, esse novo rumo que toma a sociedade moderna implica em uma ligação direta com a insatisfação, infelicidade e perturbação do sujeito, ao preconizar que:

O aspecto ruim está em que, apesar de essa sociedade pregar o bem-estar, o lazer, as férias, a sexualidade - enfim, o prazer -, ela também implica muitos males, como a depressão, o stress, as ansiedade, as inquietudes... São numerosas as estatísticas de perturbações, suicídios, depressões... Essa sociedade experimenta um problema muito grave: no fundo, **o poder de consumo cresce cada vez mais, mas a felicidade não cresce.** (LIPOVETSKY, 2007, p. 13, grifos meus).

Lipovetsky denomina “Felicidade”, com “F” maiúsculo, para evidenciar que esta não se compra nem se vende, e não pode ser reduzida à aquisição de bens materiais. O teórico ainda afirma que: “a felicidade está na relação da pessoa com ela mesma e com os outros. Dito de outra maneira, uma pessoa não pode ser feliz se está em conflito com ela mesma” (LIPOVETSKY, 2007, p. 14).

Horkheimer (1976) produz a metáfora sobre o indivíduo na modernidade, apontando esta última como "a máquina que expeliu o maquinista", a pergunta que cabe é exatamente a seguinte: quem é este indivíduo que estaria no comando do mundo moderno e que foi destituído ao longo do desenvolvimento da própria modernidade?

No que tange a felicidade direcionada a riqueza contraposta com o afeto, o autor acima menciona que:

Se vivemos num ambiente afetivo rico, mas não temos um carro muito moderno, isso não é grave... Mas, se não temos nem riqueza afetiva, nem pessoal, nem profissional, então tudo se concentra na riqueza econômica ou no consumo. Aí há um grave problema (LIPOVETSKY, 2007, p. 15-16).

Esta forma de consumo como se fosse uma “válvula de escape” em que o sujeito procura para tentar esquecer o mundo que o cerca, como uma forma de compensação mostra-se questionável, pois evidencia apenas o lado maléfico do consumo.

Podemos citar Veblen (1980), que enfatiza a dimensão simbólica e social do consumo, abordando que o consumo é um sistema classificatório e um modo privilegiado de comunicação entre os indivíduos. Veblen (1980) confere ao consumo e a suas práticas, um significado cultural, identificando-o como fato socialmente construído através do qual os grupos sociais se classificam, se distinguem e se comunicam.

### 3 - “Segurança” perpassa pelo consumo

---

<sup>5</sup> Hipermodernidade, segundo o teórico, seria uma modernidade excessiva, quer dizer, com uma lógica de sobrecarga, de excesso. (LIPOVETSKY, 2007).

Depois de se discutirem algumas questões sobre a (pós-)modernidade capitalista e como o consumo se apresenta em meio a este contexto, faz-se importante afirmar que a narrativa de Gersão apresenta em um conjunto social “(pós-)moderno”, ou seja, percebem-se elementos do texto que poderiam ser considerados indicadores desse ambiente padronizado da “modernidade tardia” e suas contradições. Poder-se-ia afirmar, em nível de enunciação, que a “(pós-)modernidade” capitalista solaparia algumas peculiaridades culturais de determinados países, tornando-os muito semelhantes na medida em que padronizam os sujeitos neles inseridos.

Busca-se, então, com a análise do conto “Segurança”, contribuir não com respostas definitivas, mas com apontamentos para possíveis discussões com o intuito de que essas auxiliem na compreensão das relações entre o sujeito moderno e os contextos incertos da “(pós-)modernidade”.

### **3.1 - Situando o leitor: Contexto da narrativa**

A escritora portuguesa Teolinda Gersão é um dos grandes nomes da literatura portuguesa, e o conto “Segurança” é parte constituinte da antologia *Vozes e Olhares no feminino*, publicada em 2001.

A narrativa da portuguesa Teolinda Gersão não apresenta um contexto tipicamente português, pois contém elementos que podem se referir a qualquer sociedade moderna contemporânea e ocidental. Nesse sentido, o texto de Gersão não faz nenhuma referência direta à sociedade portuguesa, podendo ser qualquer outra inserida no contexto da modernidade atual, inclusive a própria portuguesa.

O protagonista da narrativa de Gersão não apresenta nome definido; mostra-se apenas como um homem de negócios que dispõe de uma secretária particular, vive em meio urbano modernizado, é divorciado, pai de filhos que raramente vê, e faz tratamento com um psiquiatra. Os demais personagens também não são nominados, apenas são chamados pelo cargo que ocupam dentro daquele contexto em que estão inseridos. Tomado por medos e tédios, o protagonista resolve tirar férias, consumindo tudo que o dinheiro pode lhe oferecer, a fim de descansar de sua rotina estressante. Esse personagem poderia ser considerado parte da elite econômica da sociedade a que pertence, podendo usufruir de todas as comodidades que o sistema capitalista oferece. Pode-se fazer uma relação direta entre a narrativa e o cotidiano de muitos indivíduos, pois estariam interligados justamente pela modernidade capitalista e suas contradições.

A narrativa traz indícios de uma sociedade capitalista atual, com seus problemas e conflitos, podendo ser a portuguesa ou qualquer outra inserida em um contexto de modernidade em que o capital, que garante o poder de consumo, aparece como valor maior.

### **3.2 - Análise da narrativa pela visão capitalista do consumo**

Aparentemente, o personagem tem uma vida financeira muito favorável que deveria lhe proporcionar, de acordo com o conjunto de valores capitalistas, muita satisfação e felicidade. Na narrativa o consumo apresenta-se permeado em todas as tentativas em prol de trazer a satisfação tão desejada. Talvez esteja aí o ponto primordial da questão, pois a felicidade ou satisfação do sujeito não se reduziria ao ato de consumir, apenas.

No texto de Gersão, pode-se observar, claramente, a hiper valorização do capital sem se considerar as necessidades mais profundas do sujeito. Nesse sentido, o ato de consumir não satisfaz o sujeito plenamente. Na narrativa portuguesa, o deslocamento ocorreria por uma insatisfação existencial, pois ele não se sente “seguro” e nem, de forma alguma, satisfeito existencialmente, mesmo apresentando condições sócio-econômicas favoráveis: “Dinheiro ele tinha, não porque a vida lhe desse, porque nada era dado de graça, mas porque tivera o talento de ganhá-lo” (GERSÃO, 2001, p. 199). O fato de o personagem ter dinheiro estaria ligado as suas ações individualistas e posturas de superioridade em relação aos demais, fazendo com que estabeleça relações sociais cada vez mais superficiais e hierarquizadas. As experiências de consumo que a narrativa suscita, não fazem com que o personagem se sinta realizado. Deste modo, mesmo que o capital se faça presente com suas ditas “benesses”, representado pelo poder de compra e consumo, o protagonista se apresenta, constantemente, como um ser em falta e em busca de algo que o satisfaça em um nível mais profundo, mesmo que de modo inconsciente. Esses processos se intensificam com o advento da pós-modernidade, a qual leva a fragmentação do sujeito moderno ao extremo. Esse contexto pode ser percebido na narrativa, já que o personagem estabelece relações superficiais com os outros, mesmo que considerados bem próximos, como os próprios filhos.

Na narrativa portuguesa, o personagem mostra-se extremamente solitário, mesmo tendo várias pessoas ao seu redor; não possui amigos e vê os outros como ameaça ao seu dinheiro, em potencial. Seus filhos e esposa se mostram distantes afetivamente dele. Além disso, ele parece estar em permanente conflito consigo mesmo, justamente por não saber como lidar com suas próprias demandas e carências, mostrando-se, enfim, fragmentado, insatisfeito e infeliz. Nesse contexto psico-existencial ainda aparece o medo da morte, expresso na forma de um sonho recorrente em que era assassinado. Esse sentimento de culpa ocorreria pelo fato de o personagem não ter cumprido uma promessa, caso seu exame de Aids desse negativo: “ Por que razão você seria assassinado? Não sei, respondeu. Não tenho culpa de nada. Apenas não cumpri uma promessa, ocorreu-lhe. Estou a dever um milhão de dólares.” (GERSÃO, 2001, p. 198). Sendo assim, o personagem não pagou sua promessa justamente por sentir que, aparentemente, recuperou o controle – fazer o que quiser com seu dinheiro, consumir de uma maneira que bem entender. Porém, essa dita “segurança” conquistada pelo suposto controle da vida, do dinheiro e das as coisas se mostra frágil e artificial, pois não seria construída via ética nem consideração pelo “outro”, e sim pela superficial “ética” do capital, que gerencia as ações e valorações do personagem promovendo o poder do consumo, legitimando-o como

superior aos demais. Se a felicidade preconizada por Lipovetsky não está no capital ou no poder de consumo, o personagem não pode ser feliz mantendo a postura que assume ao longo da narrativa, pois ignora a si mesmo e o “outro” enquanto sujeitos, em nome do capital. Pode-se notar, na narrativa, que haveria uma relação direta entre suas insatisfações e o capital, representado na narrativa pelas relações de consumo, que se fazem presentes como o pano de fundo, as relações interpessoais, carentes de exercício de alteridade, ficam em segundo plano.

A civilização materialista jamais deixou de ser objeto de incontáveis críticas emanadas das mais diversas famílias de pensamento. As correntes cristãs tradicionais acusaram-na de arruinar a fé e as obrigações religiosas. Os “republicanos”, a começar por Rousseau, reprovaram o luxo e as comodidades da vida, culpados de corromper os costumes e as virtudes cívicas. Os racionalistas criticaram a futilidade da moda, o supérfluo e o desperdício das sociedades de abundância. Os pensadores aristocráticos ou elitistas exprimem todo o desprezo que lhes inspira uma cultura “vulgar” que faz triunfar as mais medíocres paixões. Os teóricos marxistas, esses lançaram suas flechas contra o capitalismo da opulência, assimilando-o a um novo ópio das massas, a uma máquina econômica produtora de falsas necessidades, de passividade alienante e de solidão impotente (LIPOVETSKY, 2007, p.157).

O capital e o potencial para consumir são tidos como valores principais no conto português, o que levaria o personagem a viver apenas em função dele, afetando as relações humanas, até mesmo com os familiares mais próximos, como os filhos:

Dera ordens ao banco para enviar a mensalidade, e o banco era pontual como um relógio. E também nunca se esquecera dos aniversários, encarregara a secretária de marcar na agenda e de enviar telegramas de felicitações, flores à ex-mulher e brinquedos aos filhos e depois outros objetos, conforme a idade. A secretária escolhia bem, porque eles pareciam contentes. Ano após ano enviavam-lhe cartas de agradecimentos, sempre iguais. (GERSÃO, 2001, p. 198).

O trecho acima demonstra, nitidamente, a frieza das relações sociais e sua constante superficialidade, mesmo entre pais e filhos, o que reforça o capital como forma de resolução dos conflitos. Na condição de seres fragmentados e em falta, o personagem se caracteriza por estar em movimento, em busca de algo. Seja movido por necessidades de sobrevivência ou por necessidades psico-existenciais, o sujeito é movido por este sentimento de falta, na tentativa de supri-lo, passa a consumir, coisas, pessoas e sentimentos. Este mal-estar demonstrado pelo protagonista leva-o ao deslocamento permeado pelo viés do consumo, em busca de algo que proporcione completude ou amenize seus temores.

A possibilidade de ter sido contaminado pelo vírus da AIDS, ilustra o medo do personagem se depara com algo que escapa ao seu controle e limita sua capacidade de consumo, levando-o a buscar ajuda médica para lidar com. Essa doença, na narrativa, introduz uma importante questão: tudo aquilo que ameaça a organização social, como a própria morte, causa incômodo ao sujeito “(pós-)moderno” e torna-se foco de tentativa exaustiva de controle. É o que realiza o personagem do conto português ao seguir a recomendação médica de tirar férias. Neste episódio o consumo aparece novamente, no sentido de promover satisfação imediata, promovida por aquilo que o dinheiro pode comprar. Porém, suas angústias existenciais e medos



não são solucionados assim tão facilmente. Sendo assim, o personagem sente pavor ao considerar a possibilidade de estar com uma doença incurável, o que ilustraria o próprio medo da morte:

Tinha as mãos a tremer quando abriu o envelope. Negativo. Leu várias vezes a folha de papel, do principio ao fim, como se não entendesse as palavras. Depois começou a rir, esfregando as mãos, meteu o envelope no bolso e foi tomar um uísque no bar da esquina (GERSÃO, 2001, p. 197).

Como o resultado do exame fora negativo, o personagem sente que retomou o poder de controlar sua própria vida. Ou seja, ao tentar anular qualquer ameaça, ele preserva os valores simbólicos do capital que ditam como ele deve significar seu corpo e a própria morte. Nesse contexto, ele minimiza a importância da promessa que fizera – doar um milhão de dólares a uma instituição de caridade –, já que, agora, sente que a vida está em suas mãos novamente.

É irônico o fato de que a possibilidade de ter contraído o vírus da AIDS tenha sido resultado das próprias ações deste sujeito que, mais tarde, tenta reaver o controle perdido, mesmo que transferindo a responsabilidade para algum poder fora de si. Mas, como o capital permeia suas relações sociais, ele não vê mais a obrigação de cumprir a promessa quando “perdera” o controle da vida com a possibilidade da doença: “Só depois de fechar outra vez a janela, quando de novo se sentou à secretária, se lembrou do voto. Mas agora ele pareceu-lhe absurdo. Debaixo da tensão as pessoas prometiam não importava o quê. Pensaria nisso depois, de cabeça fria (GERSÃO, 2001, p. 197). Nota-se que o valor do capital e as relações de consumo, para o personagem, fazem-se referência e medida da própria vida, assim como das relações que ele estabelece com demais personagens, como mulheres e filhos.

Dessa forma, a busca desesperada pelo capital e pelo consumo apenas como forma de legitimar o capital, o tornou um tanto quanto desumanizado, ou seja, insensível ao outro, como com sua ex- mulher e seus filhos, os quais são, para ele, apenas coisas a desempenharem funções específicas em sua vida, e não sujeitos merecedores de atenção mais profunda.

O protagonista deseja organizar e controlar tudo, inclusive o tempo em que está de férias:

Desfez a mala, enviou um *e-mail* à secretária, vestiu um calção de banho e uma *T-shirt* e sentou-se num restaurante da praia. Soprava uma brisa ligeira (aliás, o nome do restaurante era *La Brisa*). Bebeu água e café e mergulhou no mar, com a sensação de entrar num ambiente aquecido. Nadou quarenta e cinco minutos e só depois foi dormir. Acordou com a sensação de ter perdido inutilmente o primeiro dia. Levantou-se depressa e desceu a praia. (GERSÃO, 2001, p. 200).

Ao ordenar os afazeres de seu tempo livre, como se estivesse cronometrando-os, o personagem se depara com algo que não consegue controlar: sua insatisfação. Esta forma de tentar a todo custo controlar a vida e suas ações é característica marcante dos sujeitos ditos pós-modernos em que o consumo é visto como algo a suprir necessidade, mesmo as mais banais, nos contextos das sociedades capitalistas, onde tempo significa dinheiro e tudo deve ser monitorado, inclusive a tentativa de satisfação. As relações de consumo são então meramente “uma válvula de escape”. A viagem do personagem acontece em um momento em que ele se vê

entediado devido ao stress do cotidiano e amedrontado pelo fato de não ter cumprido a promessa; com isso busca, mesmo que contrariado, tirar férias para, num primeiro momento, descansar. Porém, isso não resolve suas angústias, pois a necessidade de controle está incutida nele de tal forma que o acompanha aonde quer que vá. A segurança da viagem, o local onde fica hospedado, os lugares que visita, tudo é controlado por ele por meio do poder de consumo, mas, mesmo assim, se sente inseguro e insatisfeito. Ao tentar ter tudo sob seu controle, perde a oportunidade de interagir com o local, e descobrir o outro lado “positivo” das relações de consumo. No entanto, o protagonista de Gersão não consegue interagir dessa forma com o ambiente.

Um sintoma da insatisfação do protagonista poderia ser seu recorrente sonho em que é assassinado: “Nessa noite o sonho voltou: ia por um caminho e era assassinado. Tudo estava normal, mas de repente algo ou alguém o abatia.” (GERSÃO, 2001, p. 201). No fragmento acima, pode-se colocar em xeque o suposto controle sobre todas as coisas que o capital tenta incutir nas pessoas, pois, ao ser atacado, mesmo que em sonho, o personagem perde seu sentimento de segurança promovido pelo poder de consumo, a qual expõe, justamente, a condição ilusória e arbitrária desse tipo de sensação que as sociedades modernas e capitalistas tentam transmitir. Ao sair da zona de segurança do hotel, ele se depara com o imprevisível onde não mais haveria as cercas elétricas e nem os guardas, espaço em que teoricamente não conseguiria estabelecer relações de consumo, que lhe representavam “segurança”.

Voltaria para trás, decidi. Foi quando alguém saltou de entre os arbustos, de repente. Alguém que o teria atacado pelas costas, se nesse instante ele não tivesse rodado sobre si próprio, para iniciar o caminho de regresso. Sentiu as pancadas do *casse-tête* na cabeça. **O agressor era o segurança viu, ou julgou ter visto. Se os seus olhos o enganavam, já não teria tempo de saber.** (GERSÃO, 2001, p. 204, grifo nosso).

Não se têm elementos no conto que indique se o personagem foi de fato assassinado ou não, como em seu sonho, mas isso também não seria a questão primordial da narrativa. O que salta aos olhos é que, por mais que o capital representando poder para consumir e controlar tudo e a todos, ele fracassa nessa tarefa. Vale ressaltar que, mesmo os elementos indicativos de segurança oriundos do consumo de serviços, como a presença de guardas, não se apresentam como garantia de controle, já que o personagem é atacado, supostamente, por um segurança do local, aquele que deveria zelar pela segurança do sujeito. O capital, ao tentar promover o controle sobre todas as coisas, promove, ao mesmo tempo, insegurança e instabilidade. A angústia sentida por ele parece ser proporcional ao tamanho da importância que dá ao capital e as relações de consumo, portanto, superficial e insatisfatória. Desta forma, pode-se inferir que o mundo do capital não consegue resolver as angústias existenciais do personagem, nem de dar-lhe a tão almejada “segurança”.

O que promoveria satisfação e completude ao sujeito seriam, então, relações afetivas aprofundadas que ele estabeleceria com os projetos que realiza e com as pessoas. No entanto, não seria este tipo de relação que o personagem da narrativa estabelece com o mundo, e as pessoas ao seu redor:

Mas mulher quisera o divórcio e ficara com os filhos. Ele aceitará uma coisa e outra, até porque não podia encarregar-se deles, tinha muito pouco tempo disponível. Não esperava contudo que se afastassem tanto. Tinham-se tornado quase desconhecidos e agora raramente os via (GERSÃO, 2001, p. 198).

O personagem de Gersão se afasta não apenas fisicamente da família, em virtude do divórcio do casal, mas também afetivamente, pois perde o contato íntimo com os filhos a ponto de parecerem a ele estranhos. Ele mantém apenas uma relação de dependência econômica ao custear a vida da ex-mulher e dos filhos, e vê apenas no trabalho e nos valores do capital índices de identidade: Este fato, pode ilustrar o quanto as relações de consumo permeiam a narrativa, e se fazem presentes na vida do protagonista, no entanto, só ele não consegue tirar proveito deste tipo de relação. “As mulheres confundiam sempre dinheiro com afecto” (GERSÃO, 2001, p. 199). Nesta passagem percebe-se, claramente, que o protagonista privilegia relações sociais menos afetivas, mediadas pelo dinheiro e bens materiais, ou seja, a única forma de interação com o “outro” que conhecia passava pela mediação do sistema de valores capitalistas. Na medida em que há uma ruptura nas relações familiares burguesas, principalmente entre marido e mulher, as relações tendem, em geral, a perder em afeto e a ganhar em disputas por bens e dinheiro, os quais se tornam, mais ainda, centros das valorações. De qualquer maneira, solidão, frustração e tristeza instalam-se no sujeito, mesmo que em nível de inconsciente, tendo este poder para consumir o que puder imaginar. Assim, mais uma vez o elemento “segurança” é questionado na narrativa, já que o dinheiro e sua capacidade de consumir são tidos, para o personagem, como se fossem a única coisa digna de ser desejável no mundo; porém, apenas o dinheiro e o consumo não são capaz de promover segurança nem física, nem psicológica e nem afetiva, pois seus tormentos em forma de medos e tédios permanecem constantes.

#### **4 – Considerações finais**

O conto analisado traz indícios de uma sociedade capitalista atual, com seus problemas e contradições, onde o capital que garante acesso ao consumo aparece como valor maior. Essas questões mostram-se, paradoxalmente, fomentadas pela própria modernidade e sua obsessão por controle e ordenação, promovendo, durante essa busca mesmo, instabilidade identitária e relações sociais superficiais. É nesse contexto em que se encontra inserido o personagem do conto *Segurança*, o qual se mostra atormentado pela permanente insatisfação e sensação de insegurança.

Percebe-se, na narrativa, que o protagonista vive constantemente insatisfeito porque não estabelece relações de afeto com ninguém, nem mesmo com os filhos. Sua vida é vazia de sentimentos mais profundos, pois ele não consegue ver no “outro” algo ou alguém que o complete, justamente porque esse “diferente” é coisificado. Dessa maneira, o personagem agarra-se ao dinheiro, às suas riquezas materiais que lhe garantem o poder de consumir, pois vê neste o único sentido de sua vida. Paradoxalmente, a insatisfação permanente

que o acomete indicaria que esse sentido existencial, dado artificialmente pelo sistema, seria ilusório. A atração pela zona fora da área de segurança do hotel ilustra isso. Nesse processo, o sujeito é posto em questão justamente porque se lança ao desconhecido, o que provocaria, simultaneamente, fascínio e temor. Nesse sentido, o mal-estar do personagem poderia estar relacionado à sensação de medo e estranhamento pelo espaço fora do hotel, ao mesmo tempo em que se sente inevitavelmente atraído por ele.

Percebe-se, então, o artificialismo da própria civilização “(pós-)moderna” ao tentar regular o sujeito, mostrando-se muito mais como uma estratégia de controle do que como uma “verdade” efetiva. Assim, fica o poder de controle das regras sociais, nas quais o consumo apresenta-se apenas como uma tentativa de romper com essas normas, bem como das instituições reguladoras do corpo e do comportamento, questionados pela narrativa.

Conclui-se, portanto, que o capital que promove o acesso ao consumo não seria, efetivamente, garantia de satisfação do sujeito, pois estaria muito mais preocupado em reafirmar seus valores através de dispositivos de controle, com o intuito de formatar a identidade do sujeito pós-moderno. Porém, o personagem apresenta resistências a esse processo, mesmo que de modo inconsciente, na forma de insatisfação, tédio e insegurança constantes. Nesse contexto, o personagem questiona as amarras impostas pelo sistema capitalista que vê o consumidor como um fantoche a ser manipulado, pois por meio da sua insatisfação ele é capaz de transgredir interditos espaciais e existenciais, colocando-se em questão e, conseqüentemente, questionando o próprio sistema capitalista em que se encontra inserido. Percebe-se, enfim, que só o exercício alteridade – e não mais o de autoridade – seria capaz de proporcionar algum grau de satisfação ao sujeito pós-moderno, na medida em que teria origem em suas necessidades mais profundas. O consumo neste contexto seria pensado também como uma forma de se estabelecer relações entre os sujeitos e não meramente como fabricadas superficial e artificialmente apenas para fomentar o consumo e manter como privilegiados determinados grupos sócio-econômicos.

Neste sentido, a discussão que se apresenta neste artigo, busca chamar atenção para as outras formas de se conceber o consumo e as relações que perpassam por este, de modo a não reduzi-lo a tão somente uma visão, mas talvez sob uma ótica mais otimista.

A teoria da cultura de consumo concebe uma heterogeneidade de significados dentro da complexidade cultural a que cada fenômeno permeia. Rompendo com as amarras da perspectiva reducionista, em que os estudos sobre o consumo pautavam-se no behaviorismo (GAIÃO; SOUZA e LEÃO, 2012). “A cultura de consumo denota um arranjo social em que as relações entre a cultura e os recursos sociais, e entre as formas significativas e simbólicas da vida e dos recursos materiais de que dependem, são mediadas através do mercado” (ARNOULD e THOMPSON, p. 869, 2005).

Ao idealizar a complexidade simbólica do consumo a *Consumer Culture Theory* - CCT estabelece laços profícuos com as experiências de consumo, essa aproximação se configura entre as duas correntes, uma vez que ambas, incorporam a dimensão social imbricada nos símbolos, arquitetando um significado simbólico-cultural ao consumo (PINTO e LARA, 2011). Deste modo, as relações sociais permeadas pelo consumo acomodam as experiências de consumo de cada indivíduo, tornando-a única, naquele momento e circunstância.

Pode-se perceber apesar da breve menção a outras vertentes que abordam o consumo, o quanto ainda há possibilidades de se explorar neste campo. Espera-se que esta discussão permeada pela literatura e por abordagens que demonizam e enaltecem o consumo, possa contribuir para se pensar ou repensar as relações que se estabelecem por meio dele.

## Referências

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. O iluminismo como mistificação das massas. In: LIMA, Luiz C. (Org.). **Teoria da cultura de massa**. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

ARNOULD, E.; THOMPSON, C. J. Consumer Culture Theory (CCT): Twenty Years of Research. **Journal of Consumer Research**. V. 31. March, 2005).

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

GAIÃO, B. F. S.; SOUZA, I. L.; LEÃO, A. L. S. Consumer Culture Theory (CCT) Já é uma Escola de Pensamento em Marketing? **Revista de Administração de Empresas**, v. 52, n. 3, p. 330-344, 2012.

GERSÃO, Teolinda. Segurança. In: LIMA, Isabel P. **Vozes e olhares no feminino**. Porto: Edições Afrontamento, 2001.

HABERMAS, Jurgen. **Modernidade versus pós-modernidade**. In: *Arte em Revista*, n. 7, 1983.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu de Silva. Rio de Janeiro: DP&A Edições, 2001.

LARAIA, R. B. (1932). **Cultura: um conceito antropológico**. 14 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Felicidade Paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PINTO, M. R.; LARA, J. E. As experiências de consumo na perspectiva da teoria da cultura do consumo: identificando possíveis interlocuções e propondo uma agenda de pesquisa. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 9, n. 1, p. 37-56, 2011.

SIQUEIRA, Holgonsi Soares Gonçalves. **Pós-modernidade, política e educação**. Fragmento retirado do 3º Capítulo (“*Sociedade-cultura pós-moderna – “shopping spree” – satisfação na permanente insatisfação*”)

da Tese de Doutorado “Pós-modernidade, Política e Educação”, e publicado, parcialmente, no Jornal “A Razão” em 27.10.2005. Disponível em: [www.angelfire.com/sk/holgonsi/consumismo2.html](http://www.angelfire.com/sk/holgonsi/consumismo2.html). Consultado em 30/08/2013.

VEBLEN, Thorstein. A teoria da classe ociosa. São Paulo: Abril Cultural, 1980.